



## **A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS**

*Rebeca Paz dos Santos*

### **RESUMO**

Este trabalho foi elaborado com o objetivo tratar brevemente sobre a origem da narrativa de contos de fadas e suas mutações ao longo do tempo, destacando sua contribuição para a literatura infantil a partir de seu caráter pedagógico e construção de valores. O conteúdo da pesquisa teve como embasamento teórico os conceitos de filósofos e estudiosos do conto como Propp, Coelho, Hueck, Greggersen e Durand.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil, Contos Maravilhosos, Contos de Fadas.

### **ABSTRACT**

This article was elaborated with the objective of dealing briefly with the origin of the fairy tale narrative and its mutations over time, highlighting its contribution to children's literature from its pedagogical character and construction of values. The research content was theoretically based on the concepts of philosophers and scholars of the short story such as Propp, Coelho, Hueck, Greggersen and Durand.

**Keywords:** Children's literature, Fantastic Literature, Fairy Tales.

## **INTRODUÇÃO**

Os contos de fadas, ou contos maravilhosos, são lidos por milhares de crianças há muitos séculos e exercem papel fundamental na literatura infantil. Fato é que essas narrativas de efeito moralizante e que visam trabalhar o imaginário das crianças nem sempre tiveram o formato como vemos nos tempos atuais. Em um passado bem distante, eram histórias contadas apenas oralmente e destinadas aos adultos, cheias de nuances violentas e cruéis com enredos que eram reflexo da vida miserável dos camponeses numa Europa Medieval.

Ao longo do tempo, porém, essas narrativas ganharam nova roupagem e destaque especial na educação de crianças nos anos iniciais escolares.

Atualmente, os contos de fadas com seus enredos de simples compreensão são capazes

de ensinar e divertir as crianças de todo mundo e contribuem para que seus desejos, sonhos, curiosidades, medos e conflitos comecem a surgir e para que esses mesmos leitores tenham mais facilidade de lidar com seus problemas existenciais na medida em que estes mesmos problemas são tratados de forma simples e real nas narrativas fantásticas.

## A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas têm sua origem na narrativa celta e apareceram pela primeira vez sob a forma de poemas. Foram amplamente difundidos por hindus, persas, gregos e judeus. Inicialmente eram transmitidos como mitos por trazerem narrativas sobre conflitos entre homens e animais. As primeiras histórias escritas só foram publicadas no século XVII por Charles Perrault, que reuniu as histórias de A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata *Borralheira*, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar em uma coletânea intitulada Contos da Mãe Gansa em 1697.

No século XIX foi a vez dos irmãos Grimm reunirem as histórias contadas pelos camponeses da Alemanha e publicarem as narrativas A Cinderela, A Branca de Neve, João e Maria etc. Hans C. Andersen, autor de O Patinho Feio, A Pequena Sereia e O Soldadinho de Chumbo, e Charles L. Dodgson, autor de Alice no País das Maravilhas, também ganharam notoriedade com a publicação de seus livros no século XIX. No Brasil, podemos destacar a contribuição de Monteiro Lobato para o enriquecimento de nossa literatura infantil através de sua obra A menina do narizinho arrebitado de 1920, livro que misturou o real e o imaginário e muito do folclore brasileiro. O escritor foi quem inaugurou a produção de literatura para o leitor infantil no Brasil.

Essas histórias que lançam mão do maravilhoso e do fantástico com efeito moralizante ganharam a nomenclatura de contos de fadas em 1750 e, de acordo com folcloristas e historiadores, esses textos tiveram sua origem em lendas e mitos da antiguidade que envolviam personificações de traços de caráter humano.

Desde então o termo passou a ser utilizado para caracterizar:

- histórias que não têm nenhuma ligação com a realidade, não são do mundo real;
- histórias sobre fadas e outros seres da natureza;
- histórias sobre seres míticos e folclóricos.

No contexto dessas histórias fantásticas, cheias de seres e lugares maravilhosos e fora da realidade, é possível também que o próprio ser humano esteja presente, desde que seja introduzido de forma encantada. Todavia, este tipo de narrativa tenta descrever as coisas como elas realmente são, afinal de contas o mundo da imaginação não tem existência própria e não tem por finalidade simular e nem ser real ou independente. Para a professora Gabriele Greggersen, pesquisadora especialista neste tipo de literatura, os contos de fadas contêm:

(...)insuspeitas e essenciais lições para o ser humano. Eles provocam uma espécie de conscientização, sem deixar de preservar certa inocência. Em vez de alienação, atribuída à sua frequente associação ao sonho e divagação, eles nos fazem ver as coisas como verdadeiramente são. Eles alimentam a esperança de realização e felicidade na vida, para além de suas dificuldades e sofrimentos cotidianos. (GREGGERSEN, 2006, p. 67-68).

Na maioria das obras de literatura infantil, escritores se utilizam da artimanha de criar uma série de personagens míticas e acontecimentos fantásticos que são o resultado de uma imaginação humana fértil, e com isso são capazes de criar uma realidade que procura revelar o interior mais profundo do homem. Nesta realidade, os seres fantásticos podem ganhar atitudes humanas e vice-versa. Os personagens, muitas vezes, têm a função de representar arquétipos.

Vladimir Propp analisou alguns aspectos do conto de fadas em seu livro *Morfologia do Conto* e nos explica porque o enredo desse tipo de história é tão marcante e de fácil compreensão. Para ele todo conto mantém basicamente a mesma estrutura de enredo composto por um herói, um antagonista e um auxiliar mágico. O autor ainda destaca que, mais importante do que os personagens, são as funções que eles exercem no enredo dos contos de fadas – e é isso que torna os contos tão fáceis de ser guardados na memória do leitor a ponto de os tornarem clássicos literários. Em seu estudo Propp destaca trinta e uma funções dramáticas dos personagens dos contos maravilhosos, aqui citaremos apenas três para efeito de exemplificação:

- **Princesa** – personagem responsável por dar tarefas ao herói e casar-se com o herói no final da história;
- **Herói** – personagem sempre responsável por alguma procura ou salvamento, é sempre colocado em prova na narrativa e ao final casa-se com a princesa;
- **Malfeitor** – personagem que luta e tenta combater o herói.

Nomes como Charles Perrault, Hans C. Andersen, Jean de La Fontaine e os irmãos Grimm foram alguns dos principais escritores a publicar as histórias maravilhosas que, na era medieval, eram apenas transmitidas oralmente. Mais tarde, Walter Disney transformaria estes mesmos contos substituindo o aspecto cruel e violento das histórias, como eram contadas na antiguidade, pelos açucarados finais felizes:

Quando hoje falamos nos livros consagrados como clássicos infantis, os contos-de-fadas ou contos maravilhosos de Perrault, Grimm ou Andersen, ou nas fábulas de La Fontaine, praticamente esquecemos (ou ignoramos) que esses nomes não correspondem aos verdadeiros autores de tais narrativas. São eles alguns dos escritores que, desde o século XVII, interessados na literatura folclórica criada pelo povo de seus respectivos países, reuniram as estórias anônimas, que há séculos vinham sendo transmitidas, oralmente, de geração para geração, e as transcreveram. (COELHO, 1991, p. 12).

Um importante fato que não é do conhecimento de todos é que os primeiros contos de fada eram histórias contadas entre o público adulto e eram recheados de histórias sangrentas, mortes, bruxaria, sexo e outros aspectos nada indicados para a leitura infantil e sem o tom de moralidade tão característico dos contos como os lemos na atualidade. Os cenários com

reis, rainhas, princesas e fadas madrinhãs até já existiam àquela época, mas as histórias eram contadas com violência e crueldade. Muito diferente da realidade atual em que os contos foram todos adaptados à moda dos estúdios Disney.

Essa característica histórica dos contos se deve ao fato de, na época em que eles eram fruto apenas da oralidade, serem também o reflexo da estrutura social de vida dos camponeses que sofriam com as péssimas condições de trabalho, má alimentação, doenças, pestes, altos índices de mortalidade infantil e materna, além de outros fatores que tornavam a vida deles miserável. O caso da maioria dos clássicos ter sempre a madrasta má, como nas histórias da Cinderela e da Branca de Neve por exemplo, é reflexo da Europa Medieval onde havia alto índice de mortalidade das parturientes, que deixavam os pais viúvos e sem condições de criar os filhos sozinhos e assim as madrastas eram sempre um elemento da história real que foi incorporado aos contos da época. A história de João e Maria, por exemplo, conforme o relato dos irmãos Grimm, não era só fruto da imaginação, mas sim foi criada a partir do grande número de menores abandonados na Europa do século XIX.

Como já dizia Hueck (2016, p. 16) “Conhecer o lado um pouco mais sangrento das histórias é jogar luz sobre as nossas origens. Olhar para o nosso passado amedrontador permite também que sonhemos com um futuro melhor. No final das contas, é o lado sombrio dos contos de fadas que explica o seu fascínio”.

## **A IMAGINAÇÃO E A FANTASIA: ASPECTOS ESSENCIAIS DOS CONTOS**

Responda com bastante sinceridade a si mesmo qual é o sentimento quando você ouve ou lê frases como essas: “Era uma vez...; Há um tempo atrás...; Há muito, muito tempo atrás em um reino muito distante...”?

É quase que palpável o sentimento de encantamento e a certeza de estar prestes a entrar em um mundo imaginário e cheio de fantasia.

Do latim *imaginari*, a palavra imaginário significa imagem mental de algo, capacidade de sonhar acordado, criar e inventar coisas na mente. A teoria do imaginário foi tratada pelo filósofo Gilbert Durant, que tentou explicar a relação entre o imaginário e a realidade, em que o imaginário é o ponto de origem e, a partir dele, as representações da figura humana, de mundo e da sociedade terão forma na realidade:

A ideia e as experiências do funcionamento concreto do pensamento comprovam que o psiquismo humano (mente) não funciona apenas da percepção imediata e de um encadeamento racional de ideias, mas também, nas imagens irracionais do sonho, da neurose ou da criação poética. (DURAND, 2001, p.35)

Nossa capacidade de criar é potencializada na medida em que trabalhamos nosso imaginário, por isso essa parte do nosso cérebro deve ser estimulada desde pequenos para o nosso desenvolvimento cognitivo e emocional. Daí a importância da literatura infantil, especialmente dos contos de fadas, em nossas primeiras experiências como leitores.

A fantasia, como parte integrante do imaginário, começa a ser desenvolvida ainda muito

cedo e faz parte da infância. Porém, para que ela possa existir, a ficção precisa estar presente para que juntas estimulem o imaginário de qualquer ser humano.

E como os contos de fadas vão contribuir para o desenvolvimento do imaginário da criança?

Além de estimular a imaginação, prender a atenção, entreter e despertar a curiosidade, é por meio deste tipo de narrativa que a criança passará a produzir lembranças, sonhos, desejos, dúvidas, medos e associações.

A fantasia, a magia e o final feliz são componentes sempre presentes neste tipo de história e tornam possível a criação de um cenário mítico onde há lugar para os personagens serem o que quiserem. E, ainda mais importante do que isso, os contos de fadas sempre apresentam em suas histórias dilemas existenciais de forma breve e simples, para que o leitor infantil consiga resolver seus problemas existenciais sem muita complexidade:

Os dilemas de Chapeuzinho Vermelho são universais, os mesmos que todo sujeito experimenta na construção de si. Sua atualidade repousa na transcendência, universalidade e invariância dos problemas que nos obriga a confrontar e na validade e eficácia das soluções que apresenta. A eficácia simbólica do conto se deve a suas características míticas, fornecendo um sistema interpretativo da realidade e suas articulações, tonando-se intelectualmente apreensível e afetivamente suportável. Quando ouvimos tal história, incorporamos à consciência um modelo lógico que permite integrar as experiências e formular os estados subjetivos e informulados que produzimos ao experimentá-las. A satisfação resultante da repetição dos contos de fadas é aquela proporcionada pela certeza de que a realidade é apreensível, tem ordem e sentido e que, portanto, os conflitos que experimentamos têm validade, atualidade e solução. (GUERREIRO, 2000, p. 15).

O final feliz, a busca pela felicidade eterna, a luta do bem contra o mal são algumas das chaves para compreendermos o principal desejo humano que os contos de fada tentam atender: a necessidade de uma linguagem universal e a vontade que todos têm de ser pessoas melhores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de fada desempenham um papel importante no desenvolvimento da criança através de histórias que envolvem dois mundos: o real e o imaginário. É importante trabalhar o imaginário da criança pois é nele que a criança pode experimentar, explorar e desenvolver ideias.

Deve-se dar a oportunidade às crianças de ter contato com os contos desde a tenra idade pois eles contribuem para o desenvolvimento do caráter, da afetividade porque são vivenciadas situações difíceis, é existe o contato com seres com personalidades boas e más que vivem situações cujos finais, nem sempre, são felizes.

É possível dizer que os contos de fadas têm a capacidade de elevar a autoestima das crianças pois ajudam a resolver conflitos que surgem em seus mundos reais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. Problemas da Poética de Dostoiévski. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense – Universitária, 1981.

COELHO, N. Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil. São Paulo: Ática, 1991.

CORSO, M; CORSO, D. L. Fadas no divã. A psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DURAND, G. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

GREGGERSEN, Gabriele. A Antropofagia Filosófica de C.S. Lewis. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

GREGGERSEN, Gabriele. .A magia das Crônicas de Nárnia: uma abordagem para pais e educadores. Rio de Janeiro: GW Editora, 2005.

GREGGERSEN, Gabriele. (org.). O Evangelho de Nárnia: ensaios para decifrar C.S. Lewis. São Paulo: Vida Nova, 2006.

GUERREIRO, Silas (Org.). Antropos e Psique. São Paulo: Olho D'água, 2000.

HUECK, K. O lado sombrio dos contos de fadas. São Paulo: Super Abril, 2016.

PROPP, W. Morfologia do Conto Maravilhoso. São Paulo: CopyMarket, 2001.